

A MULHER COMO ANJO E MONSTRO: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM *THE TURN OF THE SCREW* E *DOM CASMURRO*

Linda Catarina GUALDA¹

ABSTRACT: This article intends to investigate how the feminine representations are built up in the novels *Dom Casmurro* and *The Turn of the Screw*, whose starting points are the characters Capitu and the governess, respectively. Both characters refer to a social construction that is related to the distinction between masculine/feminine, which includes the woman in an inferior position and projects a negative image of these women – adulterous and insane. We are interested in these stereotypes of women that are built from established myths and are incorporated into gender showing a character of naturalness.

Considerações iniciais

Este artigo objetiva apresentar como se constrói a representação feminina nas obras *Dom Casmurro* e *The Turn of the Screw*, tendo como ponto de partida as personagens Capitu e a governanta, respectivamente. A aproximação *a priori* soa arbitrária, já que as obras não parecem ter pontos de contato. Entretanto, são obras pertencentes ao mesmo período, a mesma escola literária e com o mesmo objetivo – a investigação arguta da condição humana. *Dom Casmurro*, publicado em 1899, prima pela ambigüidade, pela impossibilidade de se assegurar uma verdade factual; *The Turn of the Screw*, publicado em 1898, também carrega em si as mesmas características. Os escritores – Machado de Assis e Henry James – são homens de seu tempo, trazem para as obras o contexto social em que viviam – o Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX e a Inglaterra vitoriana do mesmo período – e a concepção de mulher apresentada nessas realidades. Além disso, é possível enxergar algumas pontes entre os romances tanto no que concerne à estrutura das obras quanto no que tange à construção e representação da mulher.

Estamos interessados neste segundo aspecto, ou seja, nas representações do feminino, as quais acreditamos equivaler, nos contextos das obras, a uma apropriação do olhar masculino sobre o corpo feminino. Em ambos os romances há a presença de uma personagem feminina que supostamente transgride uma interdição do código moral no plano da sexualidade, realizando assim uma ruptura, que supõe a subversão de uma determinada ordem. Essas mulheres, ao mesmo tempo em que são agentes, tornam-se vítimas de suas próprias transgressões. Vamos mostrar ainda que o tipo de escrita percebida nas obras busca uma inteireza supostamente vivida e acabada, pretendendo

¹ Aluna do curso de Mestrado da Faculdade de Ciências e Letras/ Campus de Assis (UNESP) sob a orientação da Profa. Dra. Cleide Antonia Rapucci. E-mail: lindacatarina@hotmail.com

representar o irrepresentável, presentificar uma ausência. Nesse sentido, a narrativa surge a partir de uma necessidade de resolver um conflito antigo.

Como base teórica, adotamos a linha feminista da crítica literária, que se preocupa com a questão da mulher como consumidora de uma literatura produzida por homens, pois pretendemos desmascarar as imagens estereotipadas da mulher como anjo ou monstro. São essas representações, como elas se efetivam e como são construídas que pretendemos analisar. As protagonistas, em especial, fazem referência a uma construção social que tem a ver com a distinção masculino/ feminino, colocando a mulher numa posição de inferioridade e veiculando uma imagem negativa dessa mulher. Nesse sentido, o cerne deste trabalho está na investigação de como essas imagens de mulher se constroem a partir dos mitos concebidos e se incorporam ao gênero dando-lhe um caráter de naturalidade. Ao final do nosso estudo, com o auxílio das linhas teóricas já mencionadas, pretendemos, portanto, gerar uma reflexão a respeito da identidade de gênero criada e veiculada sob uma ótica masculina.

Primeira Fase da Crítica Feminista: a mulher como anjo ou monstro

A idéia de estudar as personagens Capitu e a governanta à luz da teoria da primeira fase da crítica feminista surgiu da necessidade de se explicar porque ambas são construídas a partir da idéia do duplo. Daí a escolha de tal base teórica, já que esse momento da crítica está interessado em “desmascarar a misoginia da prática literária – as imagens estereotipadas de mulher como anjo ou monstro, o abuso literário da mulher na tradição masculina e a exclusão da mulher escritora das histórias literárias e dos cânones acadêmicos” (Funck, 1999:18).

Nesse sentido, a crítica feminista é capaz de criar condições para que uma análise nesses moldes se efetive, haja vista que graças a ela temos a percepção de uma leitura desmistificada “propiciando o desvelamento da ideologia patriarcal, embutida na construção das personagens e no desenrolar da própria trama” (Xavier, 1999:18). Isso posto, tanto Machado de Assis como Henry James impõem determinado padrão de comportamento, tentando fazer seus leitores acreditar que os modelos de mulher escolhidos são naturais (*patriarchal oppression*). De fato, os autores pretendem mostrar que certas atitudes fazem parte da essência feminina, a qual é vista como o lado negativo da instância de poder.

Sendo assim, as protagonistas reduplicam o estereótipo patriarcalista, o qual vê a mulher inteiramente dependente do homem, o que acaba colaborando para que nos seja apresentado um sujeito socialmente construído. Essa imagem permite vigorar uma tendência autoritária, relacionada à manutenção da dominação masculino/feminino, mola-mestra do pensamento patriarcal na sociedade, haja vista que ambas são punidas com a morte e com o silenciamento devido à suas (possíveis, no caso de Capitu) transgressões. Sob vários aspectos, Capitu e a governanta são mulheres inventadas em sua condição de produto de desejo, ou seja, estamos diante de marionetes feitas por homens, produtos sociais, cujos modelos de sexualidade e comportamento são impostos por normas culturais e sociais vigentes. Em *The Turn of the Screw* e *Dom Casmurro*, esse olhar patriarcal “sees women as occupying a marginal position within the symbolic

order, then it can construe them as the *limit* or border-line of that order. Women will come to represent the necessary frontier between man and chaos” (Moi, 1989: 127).

Capitu: o monstro silenciado

A narrativa de Machado de Assis joga com os valores culturais e sociais vigentes no período imperial, isto é, a condição feminina apresentada é clara: está presa ao estabelecido, conserva o padrão; mas no discurso reservado, no fluxo do pensamento, as personagens refutam, questionam os papéis que lhe são impostos na sociedade brasileira. Capitu é um exemplo de mulher que transcende a definição de esposa, mãe e mesmo o estereótipo de mulher. Ela busca uma maneira de transpor o estabelecido; luta por emancipar-se, pois está cansada das exigências sociais e familiares que lhes são destinadas; quer experimentar algo que saia de si própria. De fato, a heroína pode ser um exemplo da humanidade aterrorizadora, porque permanece icognissível ao ser apresentada através da visão doentia e perturbada de Bento Santiago.

Capitu representa a mulher emancipada, a que se coloca tanto no plano espiritual, quanto no sexual e se mantém ativa, nunca passiva. Seu traço mais pertinente é uma independência quase intrínseca à sua natureza. Há uma leveza, uma espontaneidade em seu espírito que a coloca acima dos papéis que lhe eram reservados na cultura e na sociedade a que pertencia. Roberto Schwarz (1977:24-25) observa que Capitu consegue satisfazer todos os quesitos da individualização, pois é forte o suficiente para não se degradar diante da vontade superior. O encanto da personagem, segundo o crítico, se deve à naturalidade com que se desloca no meio em que vive e superou. A personagem é um tipo de extraordinária vitalidade “soma e fusão de múltiplas personalidades, espécie de *supermulher*” (Pereira, 1959:24).

Capitu pode ser vista ainda como o *feminino inquietante*, o perigo invisível que ronda a casa, que está sempre por perto (Passos, 2003:15). Para sustentar a verossimilhança do romance, Machado constrói uma imagem de mulher perigosa e apela para alguns dados de categorias de mulheres que destroem a vida e a reputação de um homem. Nossa heroína conflui para a dissimulação e, por isso, quando é feita a comparação com Desdêmona, não há nenhuma chance de perdoá-la ou de nos apiedarmos dela. E é esse tipo de caracterização que possibilita a aceitação da teoria de adultério engendrada pelo narrador. De fato, Capitu abre precedentes para que se duvide de suas intenções, mas nem por isso se pode afirmar que estamos lidando com uma personagem calculista e transgressora. O fato de ser a parte forte da relação não é pré-requisito para posteriormente darmos de cara com uma adúltera e qualquer tentativa de concluir esse impasse é mera especulação.

O tema da mulher fatal é tão recorrente na obra que o tempo todo o vemos relacionado com a degradação e, sobretudo, com a perda da inocência do narrador. Além disso, várias vezes, durante a narrativa, temos a descrição física de Capitu que sempre aparece como um ser mais capacitado, infinitamente mais maduro e dotado de muito mais atributos e sensualidade do que Bentinho. Seu corpo está sempre em evidência, propiciando relações e imagens de vários tipos: os olhos, por exemplo, “são claros e grandes” ou então, “são de cigana oblíqua e dissimulada” e os braços são tão deslumbrantes que “merecem um período”. Todos esses traços a faz oscilar entre a

mulher fatal e a dona de casa. Como a primeira, encontra na rua o ambiente ideal para se deixar contaminar pela possibilidade de traição: a figura feminina ao se mostrar num espaço público instaura a dúvida, a ambigüidade, pois apresenta a chance de se oferecer, na condição de promessa ou, até mesmo, mercadoria. A partir daí, o mundo exterior penetra no interior e temos a instalação do caos. Já a idéia de mãe e esposa dedicada está marcada pelo dado religioso, pela satisfação em estar casada e pela devoção ao marido e ao filho. É esse misto de mistério e encanto, de anjo e monstro, que a tornará tão enigmática e interessante.

Todavia, não podemos esquecer que estamos lidando com um narrador autoritário e que pertence a uma sociedade patriarcal e, sendo assim, vê a mulher como ser subalterno, inferior. Nesse sentido, os olhos de Capitu correspondem em termos de força e intensidade, às palavras do marido. A mulher é silenciada e sua voz transborda através do olhar que trava uma luta intensa com o homem, detentor da palavra, ou seja, detentor do poder. O narrador se interpõe a ela com a voz autorizada de alguém culto e capacitado para falar, não tentando salvá-la, ao contrário, condenando-a ainda mais a solidão, ao desprezo. Silenciada, acuada e sem a menor possibilidade de defesa, a mulher deverá ser punida de sua possível transgressão – de preferência com a morte –, a fim de que seja mantida a ordem na sociedade. O envio de Capitu à Suíça e lá sua morte simbolizam a manutenção da ordem rompida e põe um fim ao risco.

A governanta: caleidoscópio de mulher

A genialidade de *The Turn of the Screw* é que o leitor se situa diante de uma crise interpretativa: a obra é simplesmente uma história de fantasma ou a governanta é uma mulher insana e um narrador que não merece confiança? Nesse sentido, desde o início, o leitor fica com impressão de estar vendo duas mulheres ao mesmo tempo, dois tipos de construção de ideário feminino baseada no duplo, na idéia de anjo e monstro.

Esta idéia diz respeito à governanta se sentir perdida num mundo tão diferente do seu e, ao mesmo tempo, assumir uma posição de mãe e guardiã em relação à Flora, tomando para si, somente na sua imaginação, o papel de esposa e proprietária de Bly e assumindo por procuração a identidade de esposa do proprietário. Essa iniciativa de se responsabilizar por tudo que acontece na mansão está expressa na metáfora que a protagonista anuncia ao encerrar o primeiro capítulo: “*I was strangely at the helm!*” A partir de sua chegada, disposta a cumprir o que prometera ao patrão, ela se declara responsável não apenas no que diz respeito ao cuidado com as crianças, mas sugere que é a força que está por trás dos eventos que acontecem em Bly. Além disso, ela é também “*the helm*” do livro, conduzindo o leitor não a ver uma realidade transparente, mas sua interpretação e percepção particulares dos eventos.

No romance a repressão de sua sexualidade pode ser causada pelo desejo não recíproco ao patrão e pela contaminação da beleza do garoto que a incomoda, além de deixá-la confusa. Incapaz de expressar seus sentimentos diretamente ao empregador, a governanta acaba transferindo sua ansiedade sobre Miles e até mesmo em seu relacionamento com ambas as crianças. Nesse sentido, a mulher é vista como uma descontrolada, um ser movido apenas por impulsos sexuais, podendo até mesmo ser dominada por eles. A leitura psicanalítica que pode ser extraída do romance é baseada

principalmente nas conotações sexuais que unem, através de um encontro misterioso e bastante simbólico, a governanta e o fantasma de Quint. Se considerarmos a governanta como um caso de repressão sexual, então o homem na torre é na verdade uma alucinação causada por uma postura histérica.

Pensando nisso e tomando essa leitura como uma das possibilidades para entender o romance e definir uma concepção de mulher, temos a representação de uma personagem que não age racionalmente: o choque que sente, a perda da noção temporal são características de quem se direciona por impulsos e não por fatos. Além disso, ao escrever suas memórias se apresentando como uma salvadora e defensora dos mais fracos, a narradora demonstra sua necessidade em se fazer heroína justificando suas atitudes mais inexplicáveis. É interessante pensar que o autor consegue criar um contraste com os medos da governanta. Através de sua narrativa, percebemos que a vida real parece ser bem mais assustadora que o mundo dos mortos. A governanta é menos temerosa em relação aos fantasmas que vê do que a respeito do comportamento que essas pessoas tiveram quando vivas. Ela fica mais chocada ao ver Miles acordado no jardim do que ao notar que Miss Jessel ronda a casa.

A fragmentação de personalidade da governanta faz dela um caleidoscópio de mulher que dissolve qualquer possibilidade de ordem. Sua ambição pessoal em relação ao controle da propriedade onde trabalha, seu impulso criador e protetor e o desejo de ter êxito e de ser amada são percebidos como ameaça num meio onde a mulher deve se calar e aceitar as normas. Aliás, o preço que infringirá à família para obtenção de suas realizações é alto até mesmo para ela. A satisfação em ter conseguido afastar definitivamente o Mal é contrastada com o desespero em perceber que agindo de maneira categórica afastara também seus entes mais queridos.

Acreditamos, enfim, que James aproveitou o romance para discutir alguns temas vigentes da época na Inglaterra, entre eles, a histeria feminina, a homossexualidade, a educação provida por empregados e a crise religiosa. Através da negligência do tio, do comportamento irresponsável da governanta, da displicência de Mrs. Grose e do inevitável desfecho, James nos oferece um cenário que demanda um grande envolvimento familiar às avessas, apontando as mazelas de uma sociedade que só se importava com as aparências de uma posição social elevada.

Considerações finais

Concluimos que nas obras em questão, as mulheres, alvos de nosso estudo, se mostram como personagens soltas, desgarradas, independentes, expostas ao acaso e às complicações da existência. De fato, a mulher funciona como uma marionete que, ao ser construído por um homem, estabelece um padrão feminino para todas as mulheres. Tanto Capitu quanto a governanta reduplicam o estereótipo patriarcalista, haja vista que os autores não fugiram ao modelo falocêntrico. A astúcia de Capitu e a independência superprotetora da governanta não passam de recursos tidos como próprios da essência feminina para destilar o autoritarismo do sistema. Mesmo Machado de Assis sendo um defensor das idéias feministas, ainda não havia espaço para o questionamento da condição da mulher na puritana e moralista sociedade da época. É nesse pano de fundo que surge Capitu, a metáfora da exclusão da voz e do direito à defesa mostrando que

numa sociedade exigente do cumprimento do paradigma de valores fixos atribuídos ao feminino, a mulher infratora deve ser condenada a pena do exílio. Há claramente uma tentativa de silenciar a mulher, reprimindo sua experiência numa visão alienada, mentirosa e degradante.

Pode-se observar também que Machado de Assis e Henry James perpetuam a construção de mulheres dentro de um espaço restrito e lançam seus olhares para comportamentos e fatos ocorridos no ambiente doméstico. Tal olhar mostra o não-estar feminino no mundo, ou seja, sua ausência no lugar social de prestígio e também o seu não-saber, sua incapacidade moral e intelectual. Nesse sentido, a mulher é vista superficialmente, já que os eventos se desenrolam num universo feminino limitado e sempre retratado como um ambiente negativo e inferior. Nas obras fica evidente que a ausência da mulher no campo pertencente ao homem – o meio externo, visto como superior – detecta preconceitos que norteiam o comportamento feminino na sociedade.

Nos dois romances apresenta-se a sociedade patriarcal e reacionária, onde inevitavelmente é reservado à mulher o papel de sombra silenciosa ou mero acessório. Com ambas acontece uma repressão tão violenta que culmina em suas condenações: Capitu é condenada à perda total da palavra e à solidão do exílio, e à governanta restam as alucinações, a falha de consciência e o descrédito.

Sendo assim, as propostas a respeito de um ideal feminino encontradas nas obras não são baseadas numa dada realidade, mas são frutos de uma concepção, de uma idealização feminina pré-concebida, as quais os autores desejavam veicular. As duas mulheres estão sujeitas a um sistema moral de que participam de forma passiva, na medida em que não detém a palavra, mas ao contrário é falada, repetidora de um discurso, da qual não é o sujeito. Sabendo-se que é através da linguagem que se instaura toda forma de poder, esse discurso mistificador e exterior coloca a questão da sexualidade feminina, em uma sociedade patriarcal, num lugar de nenhum privilégio, onde as heroínas são sempre vítimas. A discussão da sexualidade funciona como um modelo inicial de dominação e está profundamente relacionada com outros elementos do contexto social. A partir daí, vemos que da palavra cassada, as personagens femininas têm a vida cassada, interiorizando uma linguagem que não é a sua própria, mas uma linguagem autoritária que as reduz inconscientemente ao silêncio. Repetidoras de um discurso alheio, essas mulheres são também criadas por autores masculinos que falam por elas.

Nesse sentido, fica claro que tanto *Dom Casmurro* quanto *The Turn of the Screw*, ao reconstituírem dramas familiares dominados pelo poder falocrático, generalizam os dramas individuais, criticando todo um contexto sócio-histórico que exclui e calou as mulheres, exaltando a “virtude” da domesticidade como fundamental (Silva, 1999:211). Além disso, ao estarem mais perto da natureza selvagem e de serem detentoras da fertilidade, Capitu e a governanta se impõem como uma ameaça suprema a ordem do falo e, por isso, merecem punição – silenciamento e loucura.

Referências bibliográficas:

FUNCK, S.B. (Org.) (1999). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

- MOI, Tori. (1989) "Feminist, Female, Feminine". C. Belsey & J. Moore orgs.) *The feminist reader: essays in gender and the politics of literary criticism*, 117-132. Houndmills: Macmillan.
- PASSOS, Gilberto Pinheiro. (2003) *Capitu e a mulher fatal: análise da presença francesa em Dom Casmurro*. São Paulo: Nankin Editorial.
- PEREIRA, Astrojildo. (1959) *Machado de Assis: Ensaios e Apontamentos Avulsos*. Livraria São José: Rio de Janeiro.
- SCHWARZ, Roberto. (1977) *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades.
- SILVA, Geysa. (1999) "A subjetividade feminina entre o humor e a memória". Christina Ramalho (org.) *Literatura e feminino: propostas teóricas e reflexões críticas*, 211-220. Rio de Janeiro: Elo.
- XAVIER, Elódia. (1999) "Para além do cânone". Christina Ramalho (org.) *Literatura e feminino: propostas teóricas e reflexões críticas*, 15-22. Rio de Janeiro: Elo.